



## O que os primeiros cristãos ensinavam sobre os Três Graus de Glória?

*“Conheço um homem em Cristo que há quatorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro céu. [...] Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar”.*

*2 Coríntios 12:2, 4*

### O conhecimento

Em 16 de fevereiro de 1832, Joseph Smith e Sidney Rigdon tiveram uma visão maravilhosa enquanto trabalhavam na tradução inspirada da Bíblia em Hiram, Ohio. Essa visão, canonizada como Doutrina e Convênios 76, de forma dramática que havia vários níveis de céu, cada um com sua própria glória. Esse sistema celestial estava completamente em desacordo com os conceitos modernos de céu e inferno; no entanto, embora tenha sido uma novidade para os cristãos do século XIX, levanta a questão se tal doutrina estava presente nos primeiros ensinamentos da igreja cristã. É importante ressaltar que, à medida que os pesquisadores estudam textos antigos,

especialmente os relacionados ao judaísmo e ao cristianismo antigos, surge uma visão semelhante à revelada a Joseph Smith.

Hugh Nibley talvez tenha sido o primeiro estudioso santo dos últimos dias a demonstrar seriamente como os textos antigos apontavam para essa visão estratificada do céu. Por exemplo, ele observou como textos cristãos como o Pistis Sophia descrevem como há múltiplos céus estão “além do véu”. Além disso, “somente os qualificados podem passar por um desses véus” até, finalmente, entrarem na presença de Deus. Essa doutrina também estava intimamente

relacionada a pré-mortalidade do homem e implica em nosso retorno ao lar celestial, de onde viemos à Terra.

As comparações entre as revelações de Joseph Smith sobre os Três Graus de Glória e os antigos ensinamentos cristãos também mostram semelhanças consideráveis. Por exemplo, o Senhor revelou a Joseph Smith que os três níveis do céu eram comparáveis em glória ao Sol, à Lua e às estrelas, respectivamente relacionado ao Reino Celestial, Terrestrial e Telestial (ver Doutrina e Convênios 76:96-98). Esses três reinos de glória seriam habitados por aqueles que viveram as leis necessárias para entrar neles (ver Doutrina e Convênios 88:22-24), a maior de todas as bênçãos, estaria disponível no Reino Celestial, onde Deus habita.

Uma ideia semelhante é encontrada na primeira epístola de Paulo aos Coríntios. Em sua defesa da Ressurreição, Paulo afirma que “há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes, e outra a dos terrestres” (1 Coríntios 15:40). Em outras palavras, “assim como há diferenças nos corpos físicos de humanos mortais e animais [como discutido no versículo 39], também há diferenças entre corpos mortais e corpos ressuscitados”.

Além disso, Paulo ensinou que, assim como existem diferenças entre corpos mortais e ressuscitados, nem todos seriam ocupados com a mesma glória na ressurreição: “Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela. Assim também a ressurreição dos mortos” (1 Coríntios 15:41-42). Muitos dos primeiros cristãos comentaram esse versículo, entendendo-o em termos de diferentes glórias na ressurreição. Por exemplo, João Crisóstomo observou que “embora haja apenas uma ressurreição, haverá grandes diferenças de honra de corpo para corpo” e que “embora todos estejam no reino de Deus, nem todos desfrutarão da mesma recompensa”. Da mesma forma, Orígenes ensinou que esse versículo se referia à “grande diferença entre os que ressuscitam em glória”.

Orígenes também ensinou que os vários níveis de glórias celestiais estão relacionados à capacidade de cada um de habitar com Deus. Os dois primeiros grupos consistiam em santos e outros indivíduos justos. Os mais justos “estão ligados ao Pai, sendo

parte Dele, e além destes [estão] aqueles que vieram ao Salvador e tomam sua posição inteiramente Nele”. Um terceiro grupo de ressuscitados consistiria naqueles que nunca se arrependeram da idolatria em suas vidas, e um quarto seria reservado para aqueles que “se afastaram, não apenas do bem em si, mas dos próprios vestígios dele”.

Essa descrição corresponde ao que foi revelado a Joseph Smith: os do Reino Celestial “habitarão na presença de Deus e seu Cristo para todo o sempre” (Doutrina e Convênios 76:62), os do Reino Terrestrial são “os que ele trará consigo, quando vier nas nuvens do céu para reinar na Terra sobre seu povo” (Doutrina e Convênios 76:77), enquanto os do Reino Telestial não receberão nenhuma das duas bênçãos. Um quarto grupo, o que cometeu o pecado imperdoável, também foi visto por Joseph Smith, que “negado o Santo Espírito, depois de havê-lo recebido, e tendo negado o Filho Unigênito do Pai; tendo-o crucificado dentro de si e tendo-o envergonhado abertamente” (Doutrina e Convênios 76:35).

Da mesma forma, na segunda epístola de Paulo aos Coríntios, ele menciona uma ocasião em que foi “arreatado até o terceiro céu”, onde “ouvei palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar” (2 Coríntios 12:2, 4). Há muito tempo, os estudiosos observam que essa visão é consistente com uma ampla variedade de fontes judaicas e cristãs antigas que registram a ascensão de um visionário a vários níveis do céu, onde são ensinadas coisas que nunca devem ser compartilhadas com aqueles que não foram iniciados nas mesmas ordenanças que eles vivenciaram. Assim, a referência de Paulo a pelo menos três céus se encaixa perfeitamente tanto na antiga teologia cristã quanto no Evangelho Restaurado de Jesus Cristo.

Outros textos do Novo Testamento também influenciaram a visão dos primeiros cristãos sobre o céu. Por exemplo, inspirando-se na parábola do semeador em Mateus 13, Irineu ensinou que “há essa distinção entre a habitação daqueles que produzem cem vezes, a daqueles que produzem sessenta vezes e a daqueles que produzem trinta vezes: pois os primeiros serão levados para o céu, os últimos habitarão no paraíso, os últimos habitarão na cidade; e foi para isso que o Senhor declarou: na casa de meu Pai há muitas moradas”. A divisão espacial do céu em três lugares distintos, com base na retidão individual,

também são encontradas em outros textos cristãos antigos, como o Pastor de Hermas ou o Apócrifo de João.

## O porquê

Embora os primeiros cristãos tenham ensinado extensivamente sobre os três níveis do céu, que Hugh Nibley observou estar frequentemente relacionado às doutrinas do batismo pelos mortos e da pregação de Cristo no mundo espiritual, gerações posteriores de cristãos passaram a rejeitar este Plano de Salvação mais extenso. Como Nibley observou, “toda a doutrina, certamente importante, não foi incluída nos ensinamentos das igrejas antigas, que ignoravam o grande plano de salvação universal”.

No entanto, o Senhor não deixaria uma doutrina tão importante perdida na história. Assim como Ele revelou Seu grande plano de salvação aos antigos profetas, Ele restaurou esse conhecimento a Joseph Smith em uma visão extraordinária. Da mesma forma, todos os santos dos últimos dias podem vivenciar uma visão semelhante recontada por meio da Investidura do Templo, quando passamos simbólica e ritualmente pelos três céus, aprendemos “palavras indizíveis, que não é lícito ao homem proferir” fora do templo e, por fim, entramos simbolicamente na presença de Deus, como experimentado pelos antigos profetas e discípulos de Cristo.

## Leitura complementar

Hugh Nibley. “Treasures in the Heavens”, em *Old Testament and Related Studies* (Provo, UT: FARMS, 1986), pp. 171–214.

Hugh Nibley, “Baptism for the Dead in Ancient Times”, em *Mormonism and Early Christianity* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), pp. 109–113.

Larry E. Dahl, “Degrees of Glory”, in *Encyclopedia of Mormonism*, 4 v., ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: pp. 367–369.

Richard D. Draper e Michael D. Rhodes, *Paul’s First Epistle to the Corinthians* (Provo, UT: BYU Studies, 2017), pp. 794–818.

Barry Robert Bickmore, *Restoring the Ancient Church: Joseph Smith and Early Christianity*, 2ª ed. (Redding, CA: FairMormon, 2013), pp. 171–177.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

## Notas de rodapé

1. Para um excelente resumo das revelações de Joseph Smith sobre esse assunto, ver Larry E. Dahl, “Degrees of Glory”, in *Encyclopedia of Mormonism*, 4 v., ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 1: pp. 367–369.
2. Hugh Nibley. “Treasures in the Heavens”, em *Old Testament and Related Studies* (Provo, UT: FARMS, 1986), p. 186.
3. Para saber mais sobre isso, ver Nibley, “Treasures in the Heavens”, pp. 171–179. Nibley também observou em “Treasures in the Heavens”, 212n118 que “o progresso da alma na vida após a morte, com três grandes graus de glória, é encontrado na literatura funerária egípcia”, como o Livro das Respirações, apoiando ainda mais a antiguidade dessa verdade revelada.
4. Richard D. Draper e Michael D. Rhodes, *Paul’s First Epistle to the Corinthians* (Provo, UT: BYU Studies, 2017), p. 798. Deve-se notar também que a tradução de Joseph Smith para o versículo 40 acrescenta o detalhe da presença de “corpos celestiais, e corpos terrestres, e corpos telestiais; mas a glória dos celestiais, uma; e a dos terrestres, outra; e a dos telestiais, outra”, que destaca ainda mais as semelhanças entre a doutrina de Paulo da ressurreição e a revelada a Joseph Smith.
5. John Chrysostom, *Homilies on the Epistles of Paul to the Corinthians* 41: p. 4; citado em Gerald Bray, ed., *1–2 Corinthians*, em *Ancient Christian Commentary on Scripture: New Testament v.7* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), p. 172.
6. *Origem, De Principiis* Book 2, 10: p. 2.
7. *Origem, comentário sobre John Book 2 Chapter 3*.
8. Em particular, Paulo se refere a este evento em terceira pessoa: “Conheço um homem em Cristo que há quatorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu” (2 Coríntios 12:2, ênfase adicionada). Apesar dessa aparente ambiguidade, James D. Tabor observou que “não há dúvida, apesar do uso da terceira pessoa, de que Paulo está relatando sua própria experiência, que ele é o ‘homem em Cristo’”. Isso fica claro em 12:7-10”. James D. Tabor, *Things Unutterable: Paul’s Ascent to Paradise in its Greco-Roman, Judaic, and Early Christian Contexts* (Lanham, MD: University Press of America, 1986), p. 114. Parece que, como o que Paulo tinha visto e ouvido “ao homem não é lícito falar”, Paulo concedeu a essa experiência o respeito sagrado que ele acreditava que merecia.
9. Para saber mais sobre essa frase, ver Tabor, *Things Unutterable*, p. 122. Um excelente estudo deste e de outros textos judaico-cristãos que relacionam viagens a vários níveis do céu pode ser encontrado em Leif Carlsson, *Round Trips to heaven: Otherworldly Travellers in Early Judaism and Early Christianity* (Saarbrücken, Alemanha: VDM Verlag Dr. Müller, 2008). Alguns dos textos analisados por Carlsson são 1 Enoque, 2 Enoque, o Testamento de Levi e o Apocalipse de Abraão.
10. Deve-se notar que vários textos podem descrever mais de três níveis de céus, muitas vezes entre sete e dez. Jean Daniélou apontou que os textos que descrevem sete céus ainda coincidem com o contexto de três céus: todos os textos que descrevem esses céus colocam os sete céus como as moradas dos anjos e, portanto, “os sete céus [são] subdivisões do segundo céu principal”. Jean Daniélou, *The Theology of Jewish Christianity* (Londres: Darton, Longman e Todd, 1964), 176n9. Embora o número exato de céus possa ter sido debatido por alguns, a existência de múltiplos céus ainda não foi questionada e permaneceu amplamente aceita entre os cristãos durante o terceiro século, como ilustrado pela afirmação de Orígenes de que as Escrituras claramente “ensinam a existência de ‘céus’”. Orígenes, *Contra Celsum*, Book 6 Chapter 21.

11. Irineu, *Against Heresies*, Book 5, 36: p. 2; citando Mateus 13:8 e João 14:2. Como Draper e Rhodes apontaram, “Irineu, bispo de Lyon, foi aluno de Policarpo, bispo de Esmirna. Este último conheceu João, o Amado. Por meio de Policarpo, uma série de ensinamentos mantidos pelos ‘anciãos, os discípulos dos apóstolos’ foram transmitidos à terceira geração de cristãos. Um deles era a crença em três recompensas muito diferentes na vida após a morte, bem como a punição do inferno.” *Paul’s First Epistle to the Corinthians*, p. 816. Portanto, essa linha de autoridade colocaria esse ensinamento como de origem apostólica.
12. Para mais informações sobre esses textos, ver Alexander Kocar, *Heavenly Stories: Tiered Salvation in the New Testament and Early Christianity* (Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2021), pp. 67–91. Ao longo de seu livro, Kocar também discute como o céu era frequentemente dividido em três subdivisões segundo os escritos de Paulo, João, o Amado, e outras seitas cristãs primitivas, como os valentinianos.
13. Hugh Nibley, “Baptism for the Dead in Ancient Times”, em *Mormonism and Early Christianity* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), p. 113. Para uma discussão sobre as visões dos primeiros cristãos sobre o batismo pelos mortos, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Qual é o propósito do batismo pelos mortos? (1 Coríntios 15:29)”, *KnoWhy* 687 (12 de setembro de 2023).
14. Para uma discussão sobre a adequação da investidura às antigas ascensões celestiais, das quais a ascensão de Paulo ao terceiro céu seria uma, ver William J. Hamblin, “The Sôd of YHWH and the Endowment”, em *Ancient Temple Worship: Proceedings of The Expound Symposium 14 May 2011*, ed. Matthew B. Brown, Jeffrey M. Bradshaw, Stephen D. Ricks e John S. Thompson (Orem, UT: The Interpreter Foundation; Salt Lake City: Eborn Books, 2014), pp. 189-94; reimpresso em *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 4 (2013): pp. 147–154.